



JOGOS COOPERATIVOS E O PROBLEMA DA COEDUCAÇÃO – REFLEXÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Autor (a): Cynthia Nery da Silva;
Co-autor (a): Jéssica Dayane da Silva Martins;
Co-autor (a): Rayane dos Santos Borges;
Orientador (a): Silvana Nóbrega Gomes;
Orientador (a): Lígia Luís de Freitas.

Centro Universitário de João Pessoa – UNIPÊ, cynthianery@outlook.com

Resumo: O jogo cooperativo em aulas mistas é o ponto de partida para observação do presente estudo, observou-se a relação competitiva que permeia as relações sociais, em especial, entre meninas e meninos. A problemática se deu no momento em que nós precisávamos trabalhar com o tema Jogos Cooperativos, e identificamos em turmas mistas que as aulas se dividiam automaticamente em grupos de meninas e de meninos, dificultavam os procedimentos da aula por não aceitarem a cooperação dos sexos opostos. Foram abordados vários jogos e brincadeiras cooperativas para a realização do tema e para discussão da problemática. Todas as atividades abordadas nas aulas tinham como foco a cooperação, a união, e o trabalho em equipe, evitando-se todos os tipos de eliminação e discriminação.

Palavras-chave: Educação Física; jogos cooperativos; relações de gênero; coeducação.

INTRODUÇÃO

O jogo, universalmente manifestado em diversas culturas, traz representações características do seu povo. Um mesmo jogo ganha forma, regras, e diferentes significados em diferentes regiões pelo mundo. O caráter lúdico do jogar e a manifestação dos seus participantes são apontados por Huizinga, (1938, p. 58) como uma características que visa a competição para ganhar à frente dos demais, buscando uma afirmação de superioridade ou poder por parte do jogador/a que se sobrepõe aos demais. “Sobre essa base, sustento a ideia da aproximação entre o Jogo e a Vida, compreendendo ambos como reflexo um do outro - Eu Jogo do jeito que Vivo e Vivo do jeito que Jogo”. (BROTTO, 1999, p. 28).

O jogo cooperativo em aulas mistas é o ponto de partida do presente estudo, observou-se a competitividade que permeia as relações sociais, em especial, entre meninas e meninos. A coeducação, que é a educação que ocorre de forma conjunta, foca na igualdade em aulas mistas, porém dentro da educação física essa relação é ainda mais desafiadora. Culturalmente é reforçada a ideia de que meninos, ditos mais habilidosos, irão participar mais das aulas que as meninas. Nas aulas observa-se que os meninos buscam preencher mais espaços na quadra que as meninas, e isso acontece, muitas vezes, pela própria condução do professor/a, que reproduz a ordem machista e androcêntrica de organização da vida.

A divisão social de gênero revela que, desde a primeira infância, os meninos, são considerados mais fortes, habilidosos e, por isso, motivados a “desbravar” o mundo a sua volta, sendo representados, por exemplo, por seus objetos de brincar como carros, espadas, navios, capas mágicas, etc. Noutra direção, as meninas, com suas bonecas e fogões, começam ao longo da primeira infância a serem culturalmente condicionadas para o lar, por apreenderem que são frágeis, sensíveis, compreensivas, medrosas e etc.

Essa divisão de gênero na primeira infância, que começa na vida privada vai sendo reproduzida na vida pública. Com isso, as mulheres que tradicionalmente consideradas frágeis são orientadas para casar, cuidar da casa, reproduzir e cuidar dos/as filhos/as. Entretanto, em algumas situações a força de trabalho feminina foi acionada, por exemplo, se passarmos pela história durante os períodos das duas grandes guerras vamos encontrar as mulheres convocadas para o mercado de trabalho, para realizar ocupações que tinham sido tradicionalmente restritas aos homens. Após as guerras, elas invariavelmente perderam seus empregos na indústria e tiveram que voltar para seus papéis

domésticos, para o confinamento das atividades de educar e cuidar, na vida privada. Não sem resistência e muitas lutas, cujo reflexo afirma-se na conquista de direitos.

Com isso, entendemos que trabalhar a coeducação é um exercício desafiador para os/as docentes. É fundamental enxergar que a realidade sociocultural ultrapassa as paredes do lar e chega até o âmbito escolar, essa relação entre privado e público nos faz deparar com crianças cheias de restrições de condutas preconcebidas pela ideia da separação histórica dos gêneros. Isto posto, este estudo objetiva apresentar as reflexões feitas com base em intervenções realizadas durante as aulas de educação física por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID, a fim de provocar no alunado de uma escola pública uma mudança de atitude capaz de levá-los/as a compreender que as regras e os ditames sociais repetidos ao longo de gerações não são, de um todo, mais relevantes aos dias atuais, em particular pelas conquistas das mulheres em diferentes campos, na educação em geral e na educação física em particular, que tem procurado atuar com base na equidade de gênero.

METODOLOGIA

Esta proposta trata-se de um relato de experiência, que apresenta reflexões sobre como as questões de gênero em aulas de educação física a partir do tema de Jogos Cooperativos, o que nos impõe o desafio de, na atualidade, trabalhar com a perspectiva da coeducação.

Nossa experiência ocorreu a partir da convivência com alunos/as de uma escola pública, na região metropolitana de João Pessoa, onde fomos atuar como bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. E tivemos como participantes amostra crianças de ambos os sexos, com idades entre seis e onze anos.

A problemática se deu, no momento em que nós precisávamos trabalhar com o tema Jogos Cooperativos. Já no início das atividades com o tema, notamos que embora as aulas da escola fossem orientadas para a organização das turmas de forma mista, durante as aulas as crianças se dividiam automaticamente em grupos de meninas e de meninos, apresentando dificuldade de seguir os procedimentos da aula por não aceitarem a união dos sexos em grupos.

Durante o período de trabalho com o tema foram feitos os seguintes jogos e brincadeiras **cooperativas**

FUTEBOL DE DUPLA

Assim como o futebol tradicional este jogo tem como objetivo a realização de gols, contudo, deve acontecer com formação de duplas, que devem ficar na mesma formação durante todo o desenrolar do jogo, com uma das mãos segurando a do colega. Sabe-se que o futebol em si é um esporte coletivo, porém competitivo. Por isso, de maneira adaptada, visamos trabalhar a cooperação, já que esse era o objetivo do tema.

PEIXINHO NA REDE

Essa brincadeira, visa a reunião de crianças dispostas em um círculo, formando assim uma “rede”, e outra parte das crianças espalhadas pela quadra como “peixinhos” com o objetivo de passar pela rede sem ser capturado. Assim trabalhando a percepção em conjunto, só com interação de todos do grupo “rede”, é possível capturar todos os peixinhos, fazendo desse o objetivo da brincadeira.

VOLENÇOL

Com as turmas despostas em alguns grupos e com posse de lençóis, o volençol tem como objetivo trabalhar o passe da bola de um grupo para o outro, usando apenas o lençol, tanto para lançar, quanto para receber a bola. Assim, os alunos precisam estar bem integrados sobre movimentos, e decisões para atingir o objetivo.

CIRCUITO COOPERATIVO

Nessa proposta de atividade os alunos começaram dispostos em duplas, onde era colocada uma bola no meio da dupla, que não deveria ser apoiada com os membros, apenas com a compressão dos troncos, assim eles passavam por diversos obstáculos tentando não

deixar a bola cair, a cada rodada era acrescentada uma criança a equipe, que passava de dupla para trio e depois quarteto.

COELHINHO NA TOCA

Em dupla, ao comando ‘coelhinho na toca’, os alunos tinham que correr para um dos círculos dispostos ao chão, e realizar alguns movimentos falados pelo professor. Os círculos estavam em um número a menos que a quantidade de duplas, fazendo assim que uma dupla sempre ficasse sem ‘toca’. O objetivo era que a dupla corresse e chegasse junta a sua toca. O jogo era recommençado a cada rodada, sem eliminação.

TOCA GELO

Trabalhamos a proposta do toca gelo devido a insistência, por parte dos alunos, de se vivenciar um “pega”. Então o adaptamos para que houvesse a colaboração entre os participantes, adotamos o toca gelo onde o aluno que fosse tocado seria congelado e só descongelaria e voltaria ao jogo se fosse abraçado por um colega. Fazendo assim, haver um trabalho cooperativo, onde ninguém ganha ou perde.

Todas as atividades abordadas nas aulas tinham como foco, a cooperação, a união, e o trabalho em equipe, evitando-se todos os tipos de eliminação e discriminação. Os jogos propostos foram realizados sempre em equipes mistas, de meninos, meninas, deficientes e não-deficientes, alunos e professores.

O jogo cooperativo elucidava a ideia que os desafios devem ser superados coletivamente. Estimula a partir do jogar uma prática social colaborativa. Incentiva a reflexão onde mostra que todos podem ganhar e para isso, o ideal é jogar uns com os outros, e não uns contra os outros. Ao olhar para o contexto sociocultural que estamos inseridos, com forte resistência do androcentrismo, analisamos o comportamento das crianças durante o trabalho com a temática citada. A inquietação seguiu-se ao observarmos forte resistência por parte dos alunos que relutaram em cooperar com colegas do gênero oposto, em especial, quando os meninos precisavam colaborar com as meninas. Com dificuldade em mediar esses conflitos, nós como docentes em formação sentimos a necessidade de intervenções diretas durante as aulas e um estudo mais aprofundado sobre a resistência do cooperar e as questões de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico passamos a discutir os resultados do trabalho com a temática. Observamos, a partir do relato de algumas crianças, o desafio do trabalho nas aulas mistas, em particular porque nestas situações emergiram as marcas de gênero, a expectativa dos estereótipos comportamentais de meninos e meninas, ou a inquietação com quem rompe com os padrões de gênero. Através das atividades, jogos e brincadeiras, eles mostravam, por vezes, até certo repúdio pelo sexo oposto, impondo barreiras que dificultavam a realização das tarefas, alguns por não se sentirem a vontade com interação entre meninos e meninas. Na maioria das vezes, era recorrente o discurso de que *meninas não sabem jogar e são muito frágeis*, ou que *os meninos são violentos e só querem mandar*.

Essas querelas infantis acabam se tornando o nosso primeiro desafio. Diante de situações alguns questionamentos emergiam entre nós: Como a aprendizagem do ser menina e menino da educação familiar, fundamentada em valores e crenças chega até a escola e atravessa o currículo escolar? Como desconstruir certos mitos, de maneira a levar a turma aprender a aceitar o/a outro/a como ele é respeitando-o/a? Em que situações os meninos são frágeis e as meninas só querem mandar? Essas e outras perguntas pululavam as nossas cabeças, a cada encontro.

Dessa caminhada selecionamos algumas falas encontradas numa avaliação feita após algumas vivências. Para não revelar a identidade das crianças, doravante utilizaremos as letras A e B para indicar a fala de duas crianças, acompanhadas das letras F para feminino e M masculino. Cerca de 40 crianças responderam a avaliação, escolhemos para esse texto as respostas que de certa maneira fazem menção as questões que nos propomos a discutir.

FA- *“jogos cooperativos é legal, mas jogos com os meninos é chato, querem fazer tudo sozinho ai fica chato.”*

MB- (...) *“não foi fácil brincar com as meninas no futebol, ficavam chutando as canelas da gente e também a gente ia para um lado e elas iam para o outro”* (...)

Na perspectiva de analisar e compreender como se relacionam e expressam na linguagem, nos gestos, nos corpos e signos que identificamos a reflexão de Scott (1995, p.86) quando ela afirma que “Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. É a forma primária de dar significado as relações de poder”. Essa forma de organização da vida social que hierarquiza as relações entre homens e mulheres e que se reproduz por toda a sociedade, se revelando em diferentes desigualdades que marcam a vida de homens e mulheres vai se reproduzindo também na escola em diferentes situações curriculares, entre as quais, as aulas de educação física.

Durante nossas aulas buscávamos observar como se davam as relações de gênero no contexto dos jogos cooperativos. Houveram diversos questionamentos por parte da turma quanto à “obrigatoriedade” em fazer parte de um grupo formado por meninas e meninos. Foi aberto espaço e momento para reflexão das práticas comportamentais, durante os diálogos mediados pelas docentes em formação, existiam discursos que diferenciavam as habilidades motoras e capacidades de resolução de problemas, como sendo característico mais de menino ou de menina, isso era discutido entre os/as alunos/as, fazendo com que eles/elas mostrassem suas opiniões refletindo sobre elas. Logo, a diferença que enxergavam era meramente biológica.

Foto 1



Fonte: Acervo produzido pelas autoras

A partir desses desafios, nos vimos na obrigação de intervir e contribuir de alguma maneira para a formação para equidade de gênero das crianças, como o tema que tinha nos sido proposto era os jogos cooperativos, partimos para trabalhar o tema focando numa condução que problematizassem as relações de gênero. Portanto, ficou como regra que os jogos fossem realizados em equipes mistas, assim todas as aulas ministradas eram conduzidas de tal maneira que sempre fosse levantada a discussão, a crítica, e por fim, a resolução dos problemas.

Levamos o tema às professoras de sala de aula, que conheciam mais a fundo as questões de cada um/a deles/delas, a fim de perceberem o quanto os problemas de gênero também afetavam o desenvolvimento de aulas harmoniosas na sala, nas quais todos/as pudessem participar. Dessa maneira, o tema foi debatido não só nas aulas de educação física, mas também ao longo da semana em outras aulas. E de volta a quadra de esportes, nas aulas práticas, os/as alunos/as tinham a responsabilidade de lidar com as suas diferenças e com as dificuldades de cada um/uma, e de maneira respeitosa solucionar os desafios que lhes apresentávamos.

Ao longo das aulas, a partir das rodas de discussões e na condução mista das atividades fomos percebendo percebidas algumas mudanças no agir e nas opiniões por parte de alguns/algumas, encarando as situações que revelassem desigualdade de gênero e buscando outros caminhos mais equitativos da participação de ambos os sexos durante as aulas práticas.

Essa mudança de postura pode ser encontrada na fala de um garoto do 4º ano, sobre o futebol com as meninas:

(...)“eu gostei do futebol com as meninas, porque eu ensinei a elas” (...)

Foto 1 – Futebol de Dupla



Fonte: Acervo produzido pelas autoras

Ao escrever sobre o tema Candau, et al (2006, p.24) afirma que:

A instituição escolar representa um microuniverso social, que se caracteriza pela diversidade social e cultural e por, muitas vezes, reproduzir padrões de conduta que permeiam as relações sociais fora da escola. Desse modo, as formas de se relacionar com o outro, na escola, refletem as práticas sociais mais amplas. Podemos dizer que, ainda que valores como igualdade e solidariedade, respeito ao próximo e às diferenças estejam presentes no cotidiano da escola, outros mecanismos, talvez mais sutis, revelam que preconceitos e estereótipos também integram o cotidiano escolar.

CONCLUSÃO

A experiência das docentes elucidada a ideia da escola como subproduto da sociedade. E se ela é um subproduto que reproduz as mazelas sociais pode ser também, sem dúvida, o lugar ideal para se trabalhar, se refletir, e se questionar sobre a hegemonia cultural, o machismo e o sexismo, ou seja, um lugar importante de questionamento das regras e comportamentos sociais excludentes. Nesta direção, enquanto espaço da diversidade de gênero, de raça/etnia, de crenças, de geração, de classe, de cultura, a escola deve pautar seu trabalho no acolhimento e no respeito as diferenças.

A respeito da problemática de relação de gênero, enxergamos que a partir do estímulo mediado pelas professoras nas aulas de Educação Física, o trabalho em equipes mistas tornou-se mais flexível, entendendo assim que a coeducação deve ser persistida diariamente, com a intenção de se manter uma relação de respeito e equidade entre os sexos.

Por fim, a temática jogos cooperativos foi trabalhada com sucesso e os objetivos foram se consolidando no decorrer das aulas. As crianças compreenderam de fato o que significa cooperar e qual a importância de se trabalhar em equipes, mistas ou não.

Autores: Cynthia Nery da Silva; Jéssica Dayane da Silva Martins; Rayane dos Santos Borges; Lígia Luis de Freitas; Silvana Nóbrega Gomes.

Afiliação autores: *Centro Universitário de João Pessoa UNIPE, cynthianery@outlook.com*

BIBLIOGRAFIA

FINCO, Daniela F. Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil. **Pro-posições**, v. 14, n. 3, p. 89-101, 2003.

DE SOUSA, Eustáquia Salvadora; ALTMANN, Helena. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Cadernos Cedes**, ano XIX, n. 48, 1999.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. Editora da Universidade de S. Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

BROTTO, Fábio Otuzi et al. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999.

JESUS, Mauro Louzada de; PRIES DEVIDE, Fabiano. Educação física escolar, co-educação e gênero: mapeando representações de discentes. **Movimento**, v. 12, n. 3, 2006.

VIANNA, Claudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. **Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: **Summus**, v. 1, p. 93-106, 1998.